

HOMENAGEM A JOSÉ DE MESQUITA

Vera Randazzo

SENHORAS E SENHORES!: Quisera ter uma parcela da sabedoria rutilante do luminoso e ínclito vulto que me coube homenagear, no dia do centenário de seu nascimento!

Quisera ter verbo inflamado de um poeta condoreiro, para tecer as loas de uma figura ímpar no cenário das letras e da magistratura mato-grossense!

Quisera ... oh, quanto eu quisera, traduzir com a magia de palavras altissonantes, minha admiração pelo grande gênio chamado JOSÉ DE MESQUITA!

No entanto, se não tenho os dons de um Aquino Corrêa, ou as vozes de um Cícero, será com a alegria de minha pequenez que vou exaltar o fundador desta Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi o Presidente por 40 anos, sendo também o titular de cadeira nº 19, cujo patrono é o também imortal Couto de Magalhães, cadeira que hoje, modestamente ocupo.

José de Mesquita que nasceu no dia 10 de março de 1892 e cujo centênio de vida completa-se nesta noite de gala em meio às emoções de todos nós, era filho do diamantinense e seu homônimo José Barnabé de Mesquita e de D. Maria de Cerqueira Caldas, sendo neto pelo lado paterno do Capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de D. Maria Rita de Mesquita. O capitão morreu muito cedo, deixando ao filho ainda adolescente, a sagrada tarefa de cuidar de mãe viúva e três irmãs: Isabel Perpétua, Ana

e Daria. Pouco tempo depois, os Mesquitas, mudam-se para Cuiabá, devido principalmente a então decadência de Diamantino. Emprega-se o jovem chefe de família, numa casa comercial, onde pela sua capacidade logo chega a guarda-livros. Além de sustentar decentemente os seus, estuda com afinco e dotado de invulgar inteligência, habilita-se e conquista o cargo de advogado provisionado da Comarca de Cuiabá.

Progredindo, exerce vários cargos como Auditor de Guerra, ainda no tempo do Império e professor de Latim no Liceu Cuiabano e já na República foi diretor da Tipografia Oficial. Político liberal, foi jornalista e era ardente abolicionista. Casou-se com D. Maria de Cerqueira Caldas em 1891 e um ano depois, com apenas 37 anos faleceu, deixando ao seu único filho de apenas cinco meses, além de seu próprio nome, uma herança preñe de exemplos dignificantes, tanto de vida profissional como da familiar.

É patrono da cadeira nº 27 desta Academia, hoje ocupada pelo ilustre historiador Ubaldo Monteiro da Silva.

Alguns anos mais tarde, a jovem viúva uniu-se em segundas núpcias, ao comendador Antônio Tomaz de Aquino Corrêa, viúvo de D. Maria de Aleluia Gaudie Ley, mãe do imortal e brilhante Príncipe da Igreja de Mato Grosso, que governou e pacificou nosso Estado de 1918 a 1922, e que é também luminar das letras mato-grossense de renome internacional.

O menino José encontraria no seio do novo lar muito carinho e dedicação, embora continuasse sendo o enlevo das três tias paternas, duas das quais morreriam solteiras e centenárias na casa do querido sobrinho.

Estudou no Liceu Salesiano São Gonçalo e completou seu curso de Ciência e Letras que corresponde, hoje, a 2º Grau, em 1907, o que fazia sua tia Dadá dizer, feliz: “- *Quinze anos e já formado em Belas Letras*”!

Viaja então o jovem estudante para São Paulo, ingressando na famosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde teria como colega, dentre outros Menotti Del Picchia que seria o autor de “*Juca Mulato*”, “*As Máscaras*” e outros belos poemas e de quem seria amigo por toda a vida.

Inicia, então, José de Mesquita, sua carreira literária, mandando para o Jornal "O Comércio" de Cuiabá, sob a direção de Estevão de Mendonça, deliciosas crônicas, intituladas "Notas Paulistas" e é interessante ver a São Paulo do inverno de 1910 com os olhos do moço cuiabano de 18 anos:

"Por vezes, se a noite eu me ponho a perambular ociosamente pelas ruas e praças desertas, minha imaginação me faz ver, passando sob a garôa, embuçado numa longa capa romântica, o vulto de Álvares de Azevedo ou Castro Alves, ou qualquer outra alma como a deles que andou a amar e sonhar nesta paulicéia formosa. É então que São Paulo me aparece como sempre imaginei: a grande e tradicional Cidade Universitária, cheia de dia, de estudantes que não estudam, e, de noite, de românticos sonhadores que passeiam o seu amor e as suas tristezas sob a garôa que desce suavemente do alto..."

Pensando nas moças e senhoras daqui conta algo sobre a moda:

"Sob os abafados trajés de lã, enluvadas e de ricos chapéus, vejo passar famílias para o cinema. Os chapéus de inverno são em forma de um turbante mourisco, e sobre certos rostinhos são de um efeito encantador".

Mas dá também, o nosso estudante de Direito, notícias das personalidades estrangeiras que visitam o Brasil e faz comentários quanto às idéias dos visitantes e certas manifestações contra:

"É preciso deixar de vez esses hábitos e acostumarmos a ver nas convicções dos outros, o direito de existir que não queremos negado as nossas convicções. Quando andou por aqui, Anatôle France, falou-se muito em protesto, em manifestações contra a estada e visita do velho literato da simpática nação francesa. Agora com George Clemanceau. Felizmente esses protestos não têm eco fora de

casa. Ao contrário, fariam péssima recomendação aos nossos costumes nacionais, à nossa apregoada hospitalidade''.

Numa crônica fala sobre a recepção e João do Rio, na Academia Brasileira de Letras.

Em outra, rejubila-se com a queda da monarquia em Portugal e quando Olavo Bilac esteve no Teatro Santana, José de Mesquita está e conta para Cuiabá:

“... o poeta discorreu adoravelmente, encaloradamente sobre as mulheres de Shakespeare, entremeando a conferência de trechos do grande bardo inglês, traduzidos por ele mesmo em admiráveis versos e ao sair cada expectador trouxe, como eu, trechos encantadores de frases, beleza figuras e mais belas idéias, inda a lhes cantar no ouvido, como a magia inefável de uma verdadeira sinfonia!”

Em junho, acha sem graça as festas juninas de São Paulo, atribuindo o fato ao temperamento retraído, mais familiar que social que caracterizava o paulista. Aí, então, a saudade aparece e escreve:

“Entre nós, nessas boas terras de Mato Grosso, e principalmente em Cuiabá, as festas de São João, como todas as festas populares, têm outro atrativo. As nossas noites de São João, com as fogueiras, as sortes, os jogos de prenda e as danças, são noites que fazem a gente, no meio desta vida prosaica, acreditar por um momento na existência da Poesia”.

E termina, cheio de melancolia, desejando que:

“Deus queira que a civilização custe muito a penetrar em Mato Grosso, e que possamos, ainda, ver por mais de 50 anos o São João festejado com fogueiras e cantigas suaves que se perdem na doçura da noite límpida e estrelada, quando começa o amanhecer”.

Em 1913, com apenas vinte e um anos, conclui o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, sendo ele, o jovem cuiabano, neto do Capitão Mesquita de Diamantino, escolhido pelos seus dotes excepcionais, para ser o orador da turma.

...

Quando muito jovem, José de Mesquita, aproximou-se da doutrina do filósofo francês, Ernesto Renan e de outros livres-pensadores, afastando-se da religião de seus maiores, causando certo constrangimento à sua família profundamente católica. Mas este afastamento foi breve, causado pela juventude, em geral contestadora, tanto que alguns anos mais tarde, diria no seu magnífico soneto intitulado "Jesus":

*"O mundo quis viver sem ti e viu que a vida, sem a Tua
palavra eterna que conforta,
É uma gleba maninha, estéril, ressequida..."*

Em 1915, recebe como esposa Ana Jacinta, de dezessete anos, filha do Desembargador João Carlos Pereira Leite e de D. Amélia de Cerqueira Pereira Leite.

Foi um casamento e ao lembrá-lo diria no ocaso de vida:

*"Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel,
meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e alma. Desfrutei
o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude.
Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia
dizer: Gozei a vida em toda a sua essência, do amor o
capítulo sumo".*

Nasceram-lhes oito filhos, três falecidos na primeira infância, mas criaram Gui, Amadeu, Maria Amélia, Maria de Lourdes e Fernando.

Perdendo sua dedicada esposa em 1942, desposou três anos depois sua cunhada Laura Pereira Leite, reconstituindo novamente, um lar feliz onde nasceria José Carlos, o que o faria dedicar à esposa o soneto "Maternidade", do qual extraímos estas estrofes:

*“Faltava a tua meiga formosura,
Ao teu encanto, à tua mocidade,
O que à mulher completa e transfigura,
O halo sublime da maternidade.
E, hoje, ao ver-te a feição mais doce e pura,
Toda a exalar paz e felicidade,
Teu filho ao colo, a mim se me afigura
Que atinges, a integral maturidade.”*

JOSÉ DE MESQUITA (que não gostava do Barnabé) iniciou sua vida profissional, como professor de Português da Escola Normal, nomeado pelo Dr. Costa Marques em 1914. Pede exoneração no ano seguinte, pois é nomeado Procurador Geral do Estado.

Jovem, formado em faculdade de renome, conhecido e admirado pelo que escrevia para a imprensa cuiabana. José de Mesquita é cotejado e convidado para os mais altos cargos, principalmente por sua idoneidade moral, mas submete-se a concurso público para o Tribunal de Relação (hoje, Tribunal de Justiça) e sendo aprovado é nomeado em abril de 1920, com Juiz de Direito da Comarca de Araguaia. Diria mais tarde:

“Araguaia, saudosa estância que marca para mim, o início de minha carreira judiciária, e as impressões desse período jamais se me apagarão da mente”!

Foi professor de Direito Constitucional da Antiga Faculdade Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça, do qual foi Presidente de 1930 a 1940.

Disse dele, o Desembargador Antônio de Arruda, seu insigne colega na Magistratura, nas Letras e também membro deste sodalício:

“Era de ver, por exemplo, o orgulho com que se referia à sua profissão de advogado - não por ela em si, mas porque o ligava ao genitor que também o fora. Ingressando na magistratura, fez dela parte mais fecunda de sua carreira, e suponho que das maiores satisfações que teve foi quando um dos filhos e um genro o acompanharam neste setor, e ao saber estar o caçula recém-formado preparando-se para seguir-lhe as pegadas”.

Como não tive a felicidade de conhecer tão extraordinária personalidade que foi José de Mesquita e ocupando hoje a cadeira que foi dele, nesta Academia Mato-grossense de Letras, procuro ansiosamente conhecê-lo através de depoimentos dos que tiveram a ventura de privar de sua intimidade ou foram seus contemporâneos. Procuro também, conhecê-lo através de seus artigos publicados em jornais ou revistas, ler suas biografias de vultos históricos, seus estudos genealógicos, discursos, poemas, seus contos e romances, alguns difíceis de serem encontrados, outros ainda inéditos, pois vasta, variada e fecunda foi a obra deixada por este escritor invulgar, grande nos gêneros literários.

Mas é também como pessoa que José de Mesquita me fascina. Foi um homem especial e novamente busco em Antônio de Arruda dados para traçar-lhe o perfil:

“Ninguém levaria como ele tão sério as obrigações sociais; datas natalícias de amigos, colegas e confrades, momentos de alegria e de dor, tudo era motivo para as suas expansões oportunas e cordiais...”

Como Presidente desta Academia Mato-grossense de Letras e orador perpétuo do Instituto Histórico de Mato Grosso do qual foi também Membro Fundador em 1918.

José de Mesquita falou sobre esta Casa Barão de Melgaço, em 1930, quando foi doado pelo Governo do Estado, para todo o sempre nela funcionar estas duas, sem dúvida, mais importantes entidades culturais de Mato-Grosso:

“Mais nobre, mais coerente finalidade lhe não poderia ser dada. Que lhe seja, pois, doravante, o seio fagueiro da intelectualidade patricia, o remanso sereno onde, ao abrigo das procelas que se agitam no torvelim das paixões, possam expandir-se em fecunda atividade criadora, os pendores humanitários da ciência e as puras elocubrações do sonho!”

JOSÉ DE MESQUITA passou quatro décadas de sua vida, fazendo pesquisas em arquivos públicos e eclesiásticos, decifrando cartas régias e documentos coloniais, estudando processos criminais, inventários ou sesmarias, lendo as memórias das viagens setecentistas ou relatórios provinciais, folheando velhíssimos livros de batismo do registro de necrópoles, de onde desencava fatos históricos esquecidos e personagens ainda estudantes de vida, para reuni-los sob a epígrafe "*Gente e Coisas de Antanho*". Publicados inicialmente em jornais cuiabanos e depois nas revistas da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, no período de 1925 a 1954, foram reeditados pela Prefeitura da Capital em 1985, quando era prefeito, o agora Deputado Federal, Dr. Manoel Antônio Rodrigues Palma, sob a coordenação do historiador Carlos Rosa.

Nestas exaustivas excursões aos poeirentos alfarrábios, levantou a origem das principais famílias daqui e a dos aristocráticos barões e seus descendentes, deixando para a posteridade, as sempre consultadas obras, *Genealogia Cuiabana* e *Nobiliarquia Matogrossense*.

Grande orador; seus discursos são lembrados como verdadeiras peças literárias de valor imperecível, como o que disse em Campo Grande ao paraninfar uma turma de normalistas. Publicado em 1940, esse discurso de José de Mesquita, poderia ter sido repetido neste último domingo, Dia Internacional da Mulher, dia que há 50 anos não era comemorado. Lerei apenas dois parágrafos:

"O século XX é o século da Mulher. Nunca gozou de maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe passaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importa, paralelamente, no investimento de mais graves deveres".

"O homem sempre se outorgou, egoisticamente todos os direitos, dando à mulher, na comunhão do lar, tão somente as obrigações. A mulher moderna é colaboradora do seu companheiro. Trabalha e lida, atira-se como ele ao vórtice da vida, e sofre junto dele, nessa luta áspera que é a existência, luta na sua essência, no seu desenvolvimento e na

sua finalidade. Mas para isso há que entrar blindada do aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça e inteligência e, ao mesmo tempo, aureolada como as madonas da nossa crença, desse elo sobrenatural da Virtude - que é força, e da Graça -, que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo”.

E quanta delicadeza, quanto respeito, quanto bem querer deixa transparecer o poeta, quando fala sobre a Mulher e, se às vezes vai além, às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a sensualidade que se evola dos seus poemas e sonetos não avilta nunca a imagem feminina, pois que o seu sentimento é grande, é verdadeiramente cósmico e é assim que ele vê a Musa Amada:

“Na Canção da Inquieta Procura”:

*“Tu me esperaste ...
E quando eu vim de todas essas distâncias
No tempo e no espaço,
dos longes do Passado, dos combates ásperos
com monstros, feras, dragões e gnomos,
vendo-me vencedor de todas as batalhas,
Bandeirante, Cavaleiro, Herói, Marujo ou Cruzado.
Tu, que me esperavas,
Não olhaste as pedras, o ouro, as láureas e os troféus ...
“Abriste-me apenas,
Num gesto manso e bom, suave e enternecido,
Teus braços que me esperavam
E me estreitaste docemente de encontro à tua alma...”*

É também o poeta ecológico que canta as belezas naturais de sua terra e que conhece os meandros das suas serras e paredões, da chuva e do vento e que ao ouvir o murmúrio das águas, diz ao rio Coxipó:

*“Vi-te a nascente, a linfa clara e pura,
e o curso cheio simuosidade
te acompanhei, no serro ou na planura
cheio de graça ou de impetuosidade!*

E à cachoeira:

*“E eis que tombas, da alta serra,
mostrando aos que o cair, assombra e aterra
que até na queda pode haver grandeza.”*

E à uma ave do Pantanal:

*“Sob o céu rosicler, na manhã cor de rosa
Passa, ruflando no ar, suas alas rosadas,
o róseo colhereiro, a voar sobre a barrosa
e plácida extensão das imensas aguadas”.*

E comovido fala para uma árvore centenária:

*“Mas eu te quero mais e te amo quando,
na tristeza das tardes de janeiro,
te vejo as folhas secas revoando
ao vento frio, oh velho tarumeiro!”*

Ligado desde seus tempos de estudante a instituições culturais de São Paulo, como ao Clube Minerva, ao Grêmio Olavo Bilac e ao Grêmio ‘Onze de Agosto’, continuaria, JOSÉ DE MESQUITA, a manter estreito relacionamento com a intelectualidade paulista, por toda a vida, sendo membro atuante do Instituto Heráldico e Genealógico de São Paulo e da Academia de Ciências e Letras de São Paulo. Em Campinas era membro do Centro de Ciências Letras e Artes e do Centro de Cultura Intelectual.

No Maranhão era membro da Casa Humberto de Campos e no Estado do Espírito Santo, do Grêmio Literário Rui Barbosa, do Centro de Cultura Humberto de Campos, do Círculo dos Amigos de Marden e do Grêmio Literário Euclides da Cunha.

Correspondia-se e fazia parte, no Pará, da Academia Paraense de Letras e no Rio Grande do Sul era membro do Instituto Rio-Grandense de Letras, do Círculo Rio-Grandense de Difusão Literária e da Academia Rio-Grandense de Letras.

Em Minas, era correspondente da Academia Mineira de Letras, no Ceará, do Instituto do Ceará e, no Rio, era membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Pedro II.

Em seu Estado natal, JOSÉ DE MESQUITA foi do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, seu sócio fundador e orador perpétuo; da Academia Mato-Grossense de Letras, também, sócio e seu presidente desde sua fundação em 1921 até sua morte em 1961 - por quarenta anos, onde ocupava a cadeira nº 19, cujo patrono é o inolvidável presidente provincial e escritor Gal. Couto Magalhães.

Era também sócio benemérito da Sociedade Literária Rui Barbosa e do Grêmio Castro Alves, ambas em Cuiabá. De Guiratinga, era membro efetivo do Intercâmbio Cultural.

Além desses, era JOSÉ DE MESQUITA, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Genealógico Brasileiro e da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Suas atividades epistolares e culturais estendiam-se ao exterior, como, por exemplo, nos Estados Unidos, era membro honorário do International Institut of American Ideals, de Los Angeles e, na Europa, era Comendador da Grand Prix Humanitaire de Belgique, em Bruxelas.

Na América do Sul, era sócio honorário, na Argentina, do Instituto de La Cultura Americana e, no Uruguai, membro correspondente do Confraternite Universelle Balzacienne, cuja sede era em Montevidéo.

UM POUCO DA EXTENSA BIBLIOGRAFIA MESQUITIANA

Por três décadas, a literatura de Mato Grosso, foi enriquecida com sete livros de poemas de JOSÉ DE MESQUITA:

POESIAS	- 1919
TERRA DE BERÇO	- 1927
EPOPÉIA MATO-GROSSENSE	- 1930
TRÊS POEMAS DA SAUDADE	- 1943
ESCADA DE JACÓ (sonetos)	- 1945
ROTEIRO DA FELICIDADE	- 1946
OS POEMAS DO GUAPORÉ	- 1949

Constam, também, de sua bibliografia:

UM PALADINO DO NACIONALISMO	- 1929
O TAUMATURGO DO SERTÃO	- 1931
O ATENTADO CONTRA A JUSTIÇA	- 1932
O SENTIDO DA LITERATURA MATOGROSSENSE	- 1937
PELA BOA CAUSA	- 1937
RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA	- 1937
O SENTIDO DA BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO	- 1939
NOS JARDINS DE SÃO JOÃO BOSCO	- 1941
O EXÉRCITO, FATOR DE BRASILIDADE	- 1941
A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS	- 1941
BIBLIOGRAFIA MATOGROSSENSE	- 1941
AS METRÓPOLES CUIABANAS	

E sobre a MULHER:

O CATOLICISMO E A MULHER	- 1921
SEMEADORAS DO FUTURO	- 1930
DE LÍVIA A DONA CARMO	- 1939
PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO	- 1940

Colaborador assíduo da imprensa mato-grossense, suas crônicas, artigos ou poesias, eram estampados pelos jornais "O Povo", "O Mato Grosso", o "Correio do Estado", o "Correio Mato-Grossense", "O Democrata", "A Cruz", jornal da Arquidiocese que dirigiu por mais de 20 anos, "O Estado de Mato Grosso", este, enriquecido com as famosas Crônicas Domingueiras.

Seus trabalhos podem também ser encontrados pelos pesquisadores da literatura mato-grossense em revistas como hoje extinta "O Cruzeiro", de Cuiabá, "A Revista da Academia Mato-Grossense de Letras", a "Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso" e os Anais Forenses que fundou e dirigiu por muitos anos.

Escrevia também para a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo e para a Revista do Brasil e a Revista Nova, ambas também de São Paulo. No Rio de Janeiro sua produção era publicada pelo "O Malho", pela "Ilustração Brasileira", pela "Aspectos e Cultura Política" e pela Revista das Academias de Letras. Em Campo Grande, na Revista "Civilização".

Em agosto de 1940, JOSÉ DE MESQUITA apresentou ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, "A Chapada Cuiabana", ensaio que focaliza as condições sócio-econômicas do grande planalto mato-grossense. Este importante trabalho foi reeditado em 1977, pela Fundação de Mato Grosso, graças à sensibilidade do seu então presidente, o insigne historiador, Dr. Lenine de Campos Póvoas.

Aliás sobre a Chapada, JOSÉ DE MESQUITA publicou na Revista do IHMT, volume XXV, uma monografia intitulada "Grandeza e Decadência da Serra-Acima".

Mestre na arte do conto, retratava através deles, os costumes e as letras de nossa terra, com grande realidade e fino humor. Publicou em 1928, "A Cavalhada" em 1932 "Espelho d'Almas", coletânea premiada pela Academia Brasileira de Letras e, em 1942, saiu a lume "No tempo da Cadeirinha". Publicou o romance "Piedade" e em 1958, concluiu "Imagem de Jaci", também romance, entretanto inédito.

E por fim, destacamos as biografias de personalidades históricas, escritas ora através de discursos, ora de ensaios, como os de João Paupino Caldas, Antônio da Costa, Caetano Manoel Faria e Albuquerque, Manoel Alves Ribeiro, Couto de Magalhães, Frei José Maria Macerata e outros ainda, que encontram-se dispersos nas revistas e jornais já citados.

José de Mesquita foi condecorado, em 1933, pelo Papa Pio XI, com a comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados a Ação Católica.

Em 1936, representou o Tribunal de Justiça, no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

No mesmo ano, representou a Academia Matogrossense de Letras, no 1º Congresso das Academias Brasileiras e, em 1938, representou o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no Congresso Histórico Nacional.

Em 1960, recebeu a medalha de pacificador, do Ministério da Guerra, pelos serviços prestados à Pátria.

Faleceu nesta capital a 22 de junho de 1961 e dele disse, em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Dr. Virgílio Corrêa Filho:

"Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resoluta de bem servir à coletividade, a que se irradiava a sua simpatia envolvente."

Há alguns anos um dos filhos de José de Mesquita, o também jurista, Dr. Fernando de Mesquita, ofereceu-me o cópia de um documento inédito, escrito talvez num momento de comunhão com Deus e que foi por ele lido, quando o governador Cássio Leite de Barros inaugurou, no Palácio da Justiça, o busto do inesquecível Desembargador, concretizando no bronze a idéia lançada pelos doutores: Luis-Felipe Pereira Leite e Gervásio Leite e Rubens de Mendonça.

Esse depoimento, intitulado "*Confissões*", comoveu a todos os presentes e ao mundo intelectual cuiabano, pois de todos era desconhecido, mesmo dos amigos mais íntimos, mesmo dos parentes mais próximos.

Peço permissão à família Mesquita para lê-lo:

CONFISSÕES

“Vou-me de contas pagas vida. Capital e juros. Pago e satisfeito. Que mais queria eu? Tive tudo. Perdi cedo o meu pai, mas tive quatro mães carinhosas. Minha mãe e três tias; uma destas, professora, que me ensinou com carinho maternal.

Recursos nem pouco para passar privações, nem tanto que me envaidecesse ou levasse a pândega. Em tudo moderado, abastado, meio têrmo.

Cedo me formei, bacharelado em Letras aos 15 anos e em Direito aos 21. Fiz todo o meu curso sem reprovação, com algumas distinções. Nunca tive atrito com um mestre, posto jamais os adulasse.

Gozei muita saúde. Nunca tive doenças dessas que a gente se vexa. Nunca joguei a dinheiro, nem me embriaguei. Não tive amásias. Casei-me cedo, que ainda é melhor. Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e de alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude. Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: gozei a vida em toda sua essência, do amor o capítulo sumo, na expressão de Bilac.

Feliz na carreira. Alcancei o pináculo aos vinte e nove anos, nomeado desembargador, sem que jamais fosse preciso agachar-me para galgar as posições.

Feliz com os filhos. Todos são fortes e sadios. Passei pela dor de perder três deles, que reputo, entretanto, uma felicidade para eles.

Nas letras, enquanto não conseguisse até agora o que sempre almejei quando moço, fui além do que devia esperar. Nunca tive grandes decepções, nem fui jamais desastrado por amor à literatura. Ao contrário, os meus trabalhos sempre mereceram boas referências dos mestres. Tenho

conseguido tudo sem jamais perder a fé, minha força e a esperança, meu sustento.

Os meus maiores prazeres na vida - o convívio com a família, as leituras e as viagens, tenho conseguido realizar plenamente.

Nunca pratiquei uma indignidade de que tenha que me envergonhar diante do meu ego sum. Encontrei na segunda mulher uma irmã gêmea da primeira. Não tenho inimigos. Não guardo ódios nem ressentimentos, pois cultivei sempre a ventura suprema de saber perdoar sem, todavia, esquecer as ofensas.

E, por isso tudo e por não me ter faltado a Graça de Deus, julgo-me feliz, por ter vivido e, sereno, se a morte, a qualquer momento, me quiser... ”

Senhores: esse foi o grande vulto que hoje festejamos nesta comemoração, à qual com profunda emoção me associei.

Procuramos manter bem viva e gloriosa, essa figura ilustre que engrandeceu nossa terra, esse grande bardo matogrossense, esse gigante talentoso que brilhou em tão variadas formas literárias.

Saúdo, enfim, o nobre JOSÉ DE MESQUITA, com os olhos úmidos de emoção, vendo nele a imperecível beleza dos vultos imortais de nossa pátria, que lampejam para sempre em nossa terra livre e pujante de brasilidade!

E quero encerrar com estes versos, lema da própria vida de José de Mesquita:

*“Vive
Como se cada dia
fosse o primeiro de uma vida nova
- da tua vida, construtiva e boa
mas vive, igualmente
como se todo o dia
fosse o final da tua vida,
o último dia aproveitado
para fazer o bem, embora apenas cômicas
ingratidões, aleives e injúrias!”*